

mesmo tempo em que o país encontra dificuldades para obter o crescimento mais harmonioso e equilibrado de suas indústrias — e para levar em grande escala o progresso a suas regiões mais subdesenvolvidas, a Sibéria e outras.

Situação explosiva — Só no ano passado, 118 nações grandes e pequenas gastaram 72 bilhões de dólares em armas. Somando-se os gastos das duas grandes potências, o mundo, atualmente, paga por ano 182 bilhões de dólares para ampliar seus exércitos. Cada criança, homem ou mulher está pagando, por ano, 53 dólares — 225 mil cruzeiros velhos — para que seus governos comprem ou produzam armas. Além disso, há apenas quatro anos, os gastos militares mundiais não passavam de 130 bilhões de dólares por ano.

Se os gastos com armamentos continuarem a crescer nesse ritmo, terão alcançado nos próximos dez anos 4 trilhões de dólares — muito mais do que o valor de todos os terrenos, edifícios, má-

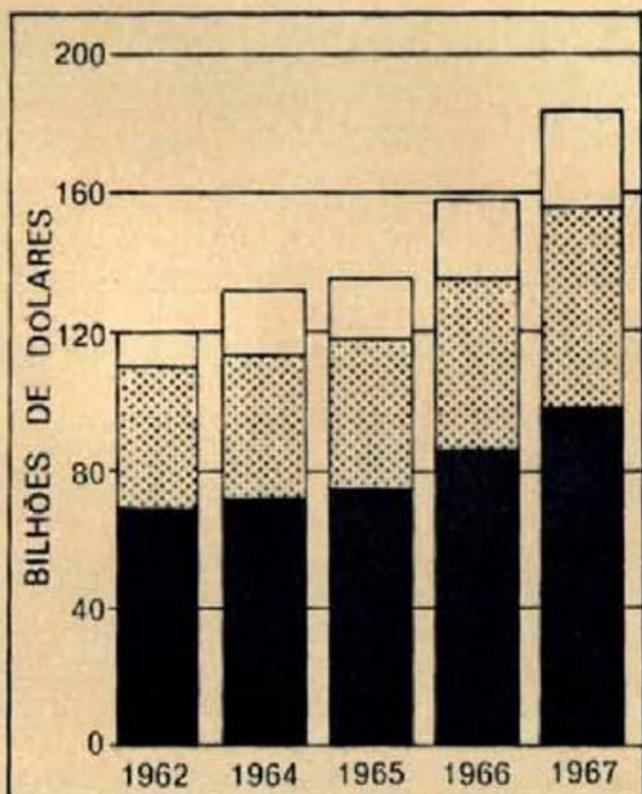
acórdos políticos e militares — e, até mesmo, o desarmamento futuro das duas forças militares da Europa: a Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) e o Pacto de Varsóvia.

A segurança comum — Hoje, na Europa central, o Pacto de Varsóvia tem 56 divisões e 13 000 tanques. Na Europa ocidental há 5 500 tanques e 22 divisões da OTAN, em processo de diminuição — os Estados Unidos já retiraram 32 000 e talvez retirem mais 100 000 de seus soldados na Europa até 1972. Líderes da Europa ocidental julgam que o movimento antiguerreiro não dará tempo para Nixon sair do Vietnam em "condições honrosas" — e talvez os EUA não se arrisquem a uma guerra atômica para defender seus aliados. A possível volta do americano ao seu isolacionismo da época da Primeira Guerra Mundial criaria um vácuo na Europa, que teria de ser preenchido ou pela fusão das forças atômicas inglesa e francesa ou, mais possivelmente, por um pacto de segurança

ser do agrado da União Soviética. De qualquer modo, Noruega, Dinamarca, Holanda, Bélgica, Itália e Alemanha Ocidental — países da OTAN — encararam com simpatia a proposta de uma reunião em Helsinque, no ano que vem, com os países do Pacto de Varsóvia. É que os menores também querem participar da possível festa dos grandes, mas de uma maneira mais participante. Pois a segurança não interessa apenas aos dois gigantes atômicos mas a todos — conforme reclamavam os pacifistas em diversas manifestações. Por isso, as conversações deverão influenciar a OTAN, que em dezembro realizará seu encontro anual de chanceleres e, certamente, terão muito peso as notícias que chegarem de Helsinque. ○

Uruguai

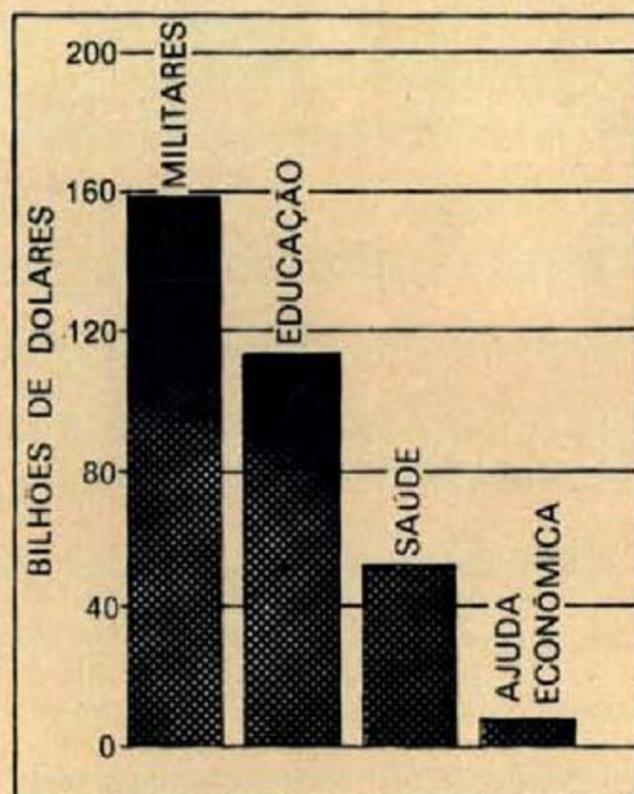
UM DIA COM OS TUPAMAROS



As despesas militares no mundo: OTAN (em preto), Pacto de Varsóvia (pontilhado) e todas as demais nações

quinas e aparelhos — enfim, tudo o que existe de valor nos Estados Unidos. Entre 1964 e 1967, os gastos militares de todo o mundo — descontada a inflação — subiram 24 por cento, enquanto a população mundial, apesar da explosão demográfica, aumentou 7 por cento. E a soma de todos os Produtos Nacionais Brutos só cresceu 16 por cento.

Para evitar que essa situação explosiva perdure e para resolver seus problemas internos, aos Estados Unidos e à União Soviética interessa, portanto, conter seus gastos em armamentos, o que tende a contribuir para o estabelecimento de



Os gastos militares de todos os países superam as despesas com educação, saúde e ajuda externa

européia, já proposto pelos países do Pacto de Varsóvia.

Por outro lado, as aparências de um crescente acórdo entre EUA e URSS também não tranquilizam os aliados de Moscou, pois um dos pontos do acórdo seria, naturalmente, permitir à URSS mãos livres para recompor a Europa oriental de acórdo com seus conceitos de unidade econômica e política do campo socialista. Os ministros do Exterior da Romênia e da Polônia, recentemente, estiveram viajando pelas capitais da Europa ocidental — e muita coisa do que andaram dizendo em particular pode não

A cena se passa às 8 horas da noite na Delegacia de Segurança e Capturas de Montevideu. Segurando timidamente suas metralhadoras Thompson ponto 45, um grupo de policiais assiste calado a uma das raríssimas explosões verbais do comissário Alejandro Otero, chefe da Polícia Secreta do Uruguai. "Tenho oitenta coisas para fazer e ainda não consegui começar nenhuma delas", confessa êle a José Antônio Severo, nosso enviado especial.

Poucas horas antes, o centro de Montevideu estava irreconhecível. As peruas azul-marinho da polícia, com o cano das metralhadoras aparecendo pelas portas abertas, corriam em todas as direções, virando sobre duas rodas no meio das avenidas e entrando pelas ruas na contramão. Somente muito mais tarde, através de informações transmitidas de boca em boca, os habitantes de Montevideu conseguiram reconstituir os acontecimentos dessa quarta-feira de violência há dez dias atrás quando os guerrilheiros Tupamaros iniciaram a sua ofensiva de fim de ano. Tudo começou às 5 horas da manhã. Dez pessoas armadas de metralhadoras entraram numa garagem de subúrbio, escolheram três carros e fugiram, levando o guarda-noturno como refém. Às 14h45, os três carros foram vistos novamente, durante seis minutos, estacionados na esquina das ruas Rodeau e Assunción, em frente ao Banco de Montevideu, a poucas quadras da Central de Polícia — onde os policiais estavam ocupados em receber seus pagamentos, já atrasados de dez dias. Dentro do banco, catorze funcionários trabalhavam normalmente quando um cliente baixo de terno escuro interrompe a rotina com uma pis-

tola e um grito: "Isto é uma expropriação contra a oligarquia". Imediatamente, outro cliente abre sua pasta e monta uma metralhadora. Seis minutos mais tarde, protegidos pelas armas de mais quatro tupamaros, os dois clientes indesejáveis fogem com 11 milhões de pesos (NCr\$ 174 000).

Para um churrasco — Enquanto a polícia ainda fazia os levantamentos de rotina no banco assaltado, duas pessoas, do outro lado da cidade, em locais diferentes, começavam a montar outro episódio de violência. Pouco antes das 4 horas um rapaz de vinte anos comprou um punhal, por 600 pesos. "Ele disse que era para um churrasco", explicou a VEJA o proprietário da casa de armas Barbieri, José Pedro Vera. Quase ao mesmo tempo, numa loja da Rua Uruguai, um homem de 34 anos discutia a compra de um mimeógrafo. Como não tinha a quantia necessária (1

nhor Andrés Rubio foi barrado na porta do Hospital das Clínicas onde pretendia entrar para dar a extrema-unção ao ferido no tiroteio, identificado pela polícia como o Padre Indalecio Oliveira da Rosa e reconhecido por várias testemunhas como sendo o chefe dos assaltantes do Banco de Montevidéu. Padre Indalecio morreu no dia seguinte às 9 horas da manhã.

Mas a escalada de acontecimentos dessa quarta-feira não se limitou ao assalto do Banco de Montevidéu, à morte do policial e à primeira morte de um padre tupamaro. Na tarde dessa mesma quarta-feira, um tímido professor primário, Martínez Matonte, apresentou-se ao caixa de um banco e fez o depósito de 7,5 milhões de pesos em nome da Comissão de Fomento da Escola 157, situada no subúrbio operário de Vila García. O cheque tinha sido emitido pela Sociedade Editôra Uruguia, empresa dirigida por Gaetano Pellegrini Giampietro, o ban-

coação?" Dois dias antes da libertação do banqueiro, um grupo de industriais havia feito a última doação: 30 000 dólares à caixa beneficente dos empregados das indústrias frigoríficas. Dia 21 os guerrilheiros urbanos da "Organização", como são chamados pela imprensa desde março passado, quando o governo uruguaio proibiu o nome Tupamaros, devolveram Pellegrini, esgotado pelos 73 dias de prisão.

Na verdade, tudo o que se refere à Organização é imprevisto e misterioso. Ninguém sabe ao certo sua força — mas há informações seguras da polícia de que entre o milhão de habitantes de Montevidéu haveria 10 000 tupamaros, dos quais 2 000 na luta clandestina. Se eles tivessem armamento pesado e instrução para combate formal, seu número já seria suficiente para enfrentar o Exército numa "batalha de Montevidéu" — anunciada pelos extremistas como o objetivo final de sua luta. ○



Padre Rosa, o "sacerdote-tupamaro" (à esquerda), e o velório do delegado Piazza: vítimas de um combate em que a morte está dos dois lados

milhão de pesos), anunciou que iria buscar o resto do dinheiro e voltaria mais tarde. Não se sabe por que motivo, o comerciante desconfia da história e alerta um amigo seu, o delegado Juan Antonio Vieira Piazza, que por coincidência passava em frente da loja. O policial sai atrás do comprador suspeito e quando vê que ele se encontra com outra pessoa (o rapaz do punhal), cerca os dois e pede documentos. Só teve tempo de atirar uma vez, antes de perder a arma e morrer com dois tiros disparados pelo seu próprio revólver. Embora ferido, o tupamaro mais velho conseguiu caminhar 20 metros amparado pelo seu companheiro. Em seguida, fingindo-se de policiais, os dois obrigaram uma perua a dar-lhes condução. No primeiro bar, o rapaz mais moço desce, disca um número de telefone e diz apenas a frase: "La operación Bettencourt no se hace". Quando volta, não encontra mais o motorista e foge sozinho, abandonando o companheiro ferido.

Doações forçadas — De noite, Monse-

queiro seqüestrado pelos Tupamaros há dois meses e meio, e as assinaturas eram dos dois outros diretores da empresa, Eugenio Baroffio e Carlos Manini Rios, que é igualmente o presidente da Comissão Mista Brasileiro-Uruguia para Desenvolvimento da Lagoa Mirim. Às 5 da tarde, quando Manini Rios e Baroffio prestavam depoimento, outro cheque com suas assinaturas, também de 7,5 milhões de pesos, foi pago, desta vez em favor de um hospital operário. Essa série de doações forçadas, que já atingiu o total de 50 milhões de pesos uruguaios, foi o preço exigido para que o banqueiro Pellegrini, condenado pelos Tupamaros a um ano de "detenção", fosse pôsto em "liberdade condicional por bom comportamento" na sexta-feira da semana passada.

Enquanto esperava por seu marido, na moderna residência da Avenida Aroseña, em Carrasco, a Senhora Frederica Isolda Pellegrini, 34 anos, alta e magra, falava a VEJA: "Mas por que seqüestraram justamente meu marido, que é um empresário compreensivo e de bom

Chile

A CRISE AINDA NÃO ACABOU

Em apenas trinta dias, tôdas as exigências foram atendidas: nas primeiras 24 horas, a Câmara dos Deputados concedeu licença para que o governo aumentasse o soldo dos militares, e o ministro da Defesa, General Tulio Marambio, foi afastado em favor do civil Sergio Ossa Preto. Logo depois, o Alto Comando das Forças Armadas renunciou em péso, em protesto contra a nomeação para o comando supremo do General Oscar Schneider, menos graduado do que seus companheiros, porém mais chegado ao grupo de militares descontentes. Na pressa de apaziguar os que apoiaram o golpe fracassado do General Roberto Viaux, o Ministro das Relações Exteriores Gabriel Valdés chegou a anunciar que o país tinha fechado a maior compra de armas do século. Nada disso, no entanto, conseguiu impedir que, um mês depois do motim do quartel de Tacna, uma nova onda de boatos sobre golpes militares obrigasse o Presidente Frei, na semana passada, a decretar o estado de sítio na província de Santiago.

Em boa parte, a volta da inquietação política foi provocada pelas próprias concessões que o governo chileno se viu obrigado a fazer. Chegou agora o momento de acalmar os militares que se sentiram preteridos nas últimas modificações da hierarquia; de lançar impostos impopulares para cobrir o bilhão de escudos necessários ao aumento de soldo das Forças Armadas; e de resolver o problema de pagamento de tôda a ad-